

Percepções de Estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental Sobre Sexualidade/ Educação Sexual em uma Escola do RS

Perceptions of Students in the Last Year of Elementary School about Sexuality/Sexuality Education in an RS School

Caroline Pugliero Coelho^{*a}; Renata Godinho Soares^a

^aUniversidade Federal do Pampa, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação em Ciências: Química da Vida. RS, Brasil.

*E-mail: carolinepuglierocoelho@gmail.com

Resumo

A educação sexual ainda é um assunto tratado com certo receio pela família e escola, embora sendo muito importante o conhecimento por parte dos jovens, pois é na fase da adolescência onde, geralmente, o indivíduo inicia sua sexualidade e/ou vida sexual. O objetivo do estudo foi verificar o conhecimento sobre o tema sexualidade de adolescentes dos anos finais do ensino fundamental. Trata-se de um estudo quantitativo de caráter descritivo, desenvolvido em uma escola pública municipal de Alegrete- RS. Participaram da pesquisa 72 alunos matriculados nos anos finais de ensino desta escola. Após a aplicação de um questionário com questões fechadas para levantamento de um diagnóstico inicial. Após a aplicação do instrumento, foram desenvolvidos ciclos de palestras sobre educação sexual e ao final realizado um ranqueamento, elencando qual destas foi mais importante e/ou interessante para cada aluno participante. A partir deste processo, desenvolver instrumentos para trabalhar com o tema em sala de aula, planejando atividades diferenciadas para apresentação, conhecimento e estudo do tema. ao finalizar o trabalho fica a certeza da colaboração para o desenvolvimento do aluno como indivíduo como um todo, visando uma maturidade informativa para enfrentar e experimentar as práticas sexuais de uma maneira saudável, consciente e responsável.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação. Alunos.

Abstract

Sex education is still a subject treated with some fear by family and school, although knowledge is very important for young people, because it is in the adolescence phase where usually the individual begins his sexuality and / or sex life. The aim of the study was to verify the knowledge about the sexuality theme of adolescents from the final years of elementary school. This is a quantitative descriptive study, developed in a municipal public school in Alegrete-RS. 72 students enrolled in the final years of teaching at this school participated in the research. After applying a questionnaire with closed questions to survey an initial diagnosis. After the application of the instrument, cycles of lectures on sex education were developed and, at the end, a ranking was made, listing which one was more important and / or interesting for each participating student. From this process, develop tools to work with the theme in the classroom, planning differentiated activities for presentation, knowledge and study of the theme. At the end of the work, we are sure of the collaboration for the development of the student as an individual as a whole, aiming at an informative maturity to face and experience sexual practices in a healthy, conscious and responsible way.

Keywords: Sexuality. Education. Students.

1 Introdução

A educação sexual ainda é um assunto tratado com certo receio pela família e escola, embora sendo muito importante o conhecimento por parte dos jovens. O alto índice de jovens acometidos por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e/ou adolescentes grávidas podem estar relacionados com a falta de informação e orientação educacional em relação a este assunto.

A adolescência é a fase na qual, geralmente, o indivíduo inicia sua vida sexual. Pelas características específicas dessa fase do desenvolvimento, como menor condição de controle dos impulsos, a iniciação sexual pode estar associada a comportamentos de riscos às contaminações com DST/AIDS e à gravidez precoce (OLIVEIRA; BÉRIA; SCHERMANN; 2014).

Jovens estudantes das séries finais do ensino fundamental

encontram-se em uma fase de transformações fisiológicas, onde hormônios ligados a sexualidade estão em constante desenvolvimento, fazendo assim, com que ocorrem mudanças corporais e psicológicas. Segundo o Ministério da Saúde (2006) as políticas dos direitos humanos garantam a vivência plena da sexualidade independente do quesito etário, onde devemos problematizar que na prática, crianças e nem mesmo adolescentes são efetivamente contemplados por estes direitos, porque em nosso país há uma incompreensão compartilhada socialmente que associa os direitos sexuais a violação sexual.

A partir desse olhar, é muito importante a informação para a preparação educacional desses jovens, visando uma maturidade informativa para enfrentar e experimentar as práticas sexuais de uma maneira saudável, consciente e responsável. De acordo com a literatura, a ausência de conhecimentos nesta área pode ter implicações negativas

na tomada de decisão e na realização de escolhas pouco informadas, corretas e seguras (FARIH et al, 2014; IPPF, 2007) em termos de saúde sexual e reprodutiva.

Falar sobre sexualidade, ainda nos dias de hoje, é considerado um tabu na nossa sociedade. Muitas famílias não conversam sobre este assunto em casa com os filhos, por terem vergonha, medo, ou achar que falar sobre isso vai estimular os filhos a iniciarem a vida sexual precocemente. Entretanto, ao contrário do que se acreditava, atualmente muitos pais reivindicam orientação sexual nas escolas, pois reconhecem a importância da mesma para seus filhos já que muitos não conseguem falar abertamente sobre o assunto em casa (SOLARO, 2015). As escolas, na maioria das vezes, trabalham assuntos como aparelho reprodutivo, doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos, focando na anatomia e na fisiologia do corpo humano. Essa forma de abordagem não contempla as ansiedades e curiosidades das crianças e adolescentes, pois não inclui a dimensão mais ampla da sexualidade (BRASIL, 1998).

Nesse sentido, este trabalho apresenta um estudo com a temática Educação Sexual e/ou Sexualidade, com o objetivo de analisar o papel da orientação escolar em relação à educação sexual de jovens estudantes, bem como estimar o conhecimento dos alunos sobre o tema a ser desenvolvido e a partir dessa síntese desenvolver instrumentos para trabalhar com o tema em sala de aula de uma forma natural e saudável planejando atividades diferenciadas para apresentação, conhecimento e estudo do tema.

2 Material e Métodos

Trata-se de um estudo de natureza quantitativa, com o caráter descritivo na análise dos seus dados. De acordo com Gil (2008), as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. Em um primeiro momento, embasou-se na literatura, com materiais já publicados com a temática “Educação Sexual”, de forma a adquirir conhecimento para uma observação mais concreta e melhor análise dos dados coletados.

Participaram deste estudo, alunos matriculados nos anos finais do ensino fundamental de uma escola municipal de educação básica de uma cidade da fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul. No intuito de tentar estimar o conhecimento dos alunos sobre o tema foi aplicado um questionário com questões objetivas. Tal instrumento foi criado pelas autoras, juntamente com uma professora de língua portuguesa, a fim de minimizar possíveis erros de digitação e de forma que abordasse melhor o público participante.

Quanto às questões deste, o mesmo era composto por três questões objetivas: “*Você sabe o que é sexualidade?*”; “*Com quem você costuma conversar sobre sexualidade?*” e “*Qual sua opinião sobre a possibilidade de incluir a disciplina ‘Educação Sexual’ na grade curricular das escolas. Você*

concorda?”. Após a análise dos questionários e também após sugestões dos próprios alunos, foram planejadas palestras ministradas por profissionais da saúde, nas quais o público alvo foram os mesmos alunos que responderam os questionários, como também foi convidado o restante da comunidade escolar.

Os questionários depois de revisados, foram digitados e armazenados em uma planilha, onde foi criado um banco de dados. Foram realizadas duas digitações a fim de que possíveis erros fossem detectados e corrigidos. Para interpretação dos resultados, foi realizado o cálculo da frequência das respostas.

3 Resultados e Discussão

O estudo contou com a participação de 72 alunos matriculados nos anos finais do ensino fundamental, sendo 62,5% do sexo feminino e 37,5% do sexo masculino. Durante a aplicação dos questionários ficou nítida a dificuldade dos alunos em expressar seu conhecimento pelo assunto, notou-se a vergonha e o receio em conversar sobre sexualidade.

Um estudo realizado em Minas Gerais por Rocha, Faria e Myotin (2007) evidenciou a dificuldade que a escola apresenta em dialogar sobre o corpo com os adolescentes, pois a abordagem realizada na escola não corresponde às necessidades dos estudantes. Britzman (2000) afirma que, devido ao ensino estar ligado a alguma forma de avaliação, os alunos não conseguem se envolver em um diálogo franco com o professor quando o assunto é sexualidade. O autor argumenta ainda que, abordagens tais como o uso de testemunhos, teatro e discussões do tipo mesa-redonda mostraram-se mais eficazes para mostrar aos alunos a relevância deste conhecimento para suas vidas.

Quando se questionou os alunos sobre “*Você sabe o que é sexualidade?*” a grande maioria respondeu que sim e na pergunta seguinte “*Com quem você costuma conversar sobre sexualidade?*” (conforme tabela 01) os alunos, quase unânimes, responderam que conversam com seus amigos, uma minoria respondeu conversar em casa com os pais ou responsáveis.

Em estudo semelhante, os autores perceberam que nas estratégias de discussão utilizadas sobre o tema sexualidade sejam por leitura, ou por vídeo, os alunos demonstraram que nessa fase da vida eles estão numa transição da infância para adolescência no qual a curiosidade e a descoberta contemplam uma etapa de muitas inquietações, em que o novo é sinal de dúvidas. Muitas vezes por não terem apoio em casa ou até mesmo na própria escola (FIGUEIREDO; TAVARES; SILVA, 2018). Complementam ainda que, é preciso que a escola trabalhe dinâmicas visando à orientação sobre a sexualidade deixando de lado os tabus para que os jovens possam ser mais esclarecidos e evitem assim a aceleração de fases que devem ser vividas com naturalidade e consciência.

Quando questionados sobre a possibilidade de incluir a disciplina “Educação Sexual” na grade curricular das

escolas, os alunos responderam que gostariam (Quadro 1), pois poderiam “aprender mais sobre o assunto e, assim, poder entender melhor o que acontece com o corpo na época da puberdade e prevenir-se de eventuais doenças ou gravidez indesejada” palavras dos próprios alunos durante aplicação do questionário.

Quadro 1 - Inclusão da disciplina Educação Sexual na grade curricular

Questionamentos:	Respostas	Total	%
‘Você sabe o que é sexualidade?’	Sim	54	75%
	Não	18	25%
‘Com quem você costuma conversar sobre sexualidade?’	Amigos	58	80,55%
	Familiares	12	16,66%
	Professores	02	2,77%
‘Você gostaria da inclusão da disciplina Educação Sexual na escola?’	Sim	59	81,94%
	Não	13	18,06%

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A partir de um olhar pedagógico, a inclusão de uma disciplina com foco na educação sexual de jovens e adolescentes seria um passo em busca da formação de cidadãos conscientes de seus atos e responsáveis por suas escolhas. Compartilha-se do pensamento de Furlani (2013) ao apontar que o principal papel da educação sexual é, em primeiro lugar, desestabilizar as “verdades únicas” da nossa sociedade, ou seja, deve ter como objetivo desconstruir tabus e preconceitos através de diálogos e debates.

Um trabalho de Orientação Sexual adequado deve englobar relações de gênero, respeito a si e aos outros, diversidade de crenças, valores e expressões culturais da nossa sociedade. Deve incluir a importância da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, e tem, como objetivo, a superação de tabus e eliminação de preconceitos (BRASIL, 1998).

Talvez a inserção de uma nova disciplina na grade curricular seja um tanto utópico, porém necessário. A literatura aponta a falta de formação dos professores para abordar o tema, discutindo a conduta discriminatória de professores e demais profissionais da escola frente às manifestações sexuais dos alunos. Tal fato pode estar associado à evidência de que grande parte dos professores não têm recebido capacitação para lidar com temáticas relacionadas à sexualidade, o que reforça a propagação de propostas pedagógicas amparadas em concepções religiosas, higienistas e heteronormativas (GESSER; OLTRAMARI; PANISSON, 2015; MADUREIRA; BRANCO, 2015).

Furlanetto et al. (2018) corroboram quanto a formação de professores dizendo que, apesar de existirem documentos oficiais que abordam questões sobre gênero e sexualidade, estudos mostram que os professores, principais responsáveis pela educação sexual na escola, não têm acessado a esses documentos, nem recebem outros meios de capacitação (NARDI; QUARTIERO, 2012; GESSER; OLTRAMARI; PANISSON, 2015).

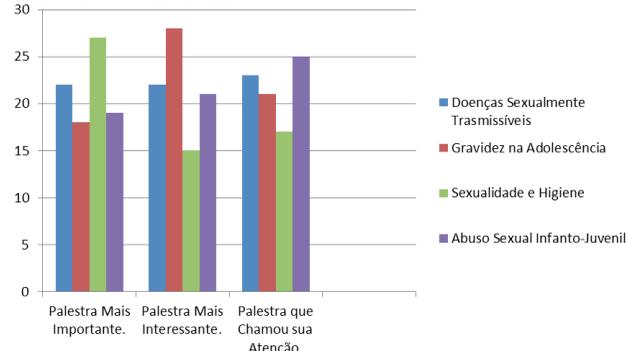
A transversalização que é indicada nas diretrizes nacionais, implica a necessidade de o professor dominar, além dos conteúdos específicos de sua área, o conhecimento em relação às manifestações em sexualidade no ambiente escolar (JAQUES; PHILBERT; BUENO, 2012; PALMA et al., 2015). No entanto, essa habilidade pedagógica não é desenvolvida ao longo da profissionalização, uma vez que os cursos de capacitação são raros e comumente não incentivados pelas instituições (GAVA; VILLELA, 2016; GESSER; OLTRAMARI; PANISSON, 2015; NARDI; QUARTIERO, 2012).

Com base nos questionários foram montadas cronogramas de palestras ministradas por profissionais da saúde, na ordem descrita a seguir: “Doenças Sexualmente Transmissíveis” com a professora da disciplina de Ciências; “Gravidez na Adolescência” com o psicólogo da rede de atendimentos do município; “Sexualidade e Higiene” com a médica ginecologista obstetra atuante no posto de saúde do bairro que atende a comunidade escolar investigada; “Abuso Sexual Infanto-Juvenil” com uma psicóloga da rede pública do município que atende casos específicos vinculados à moradia transitória.

As palestras aconteceram dentro da escola, no período de uma semana e todos os alunos envolvidos nos estudos dos questionários foram convidados a participar, bem como os professores e funcionários da escola. Ao final destas, um novo questionário foi aplicado aos alunos e também aos professores e funcionários que assistiram o ciclo de palestras, totalizando um público de 86 pessoas, como forma de perceber qual/quais palestras se tornaram relevantes a comunidade escolar.

De acordo com os participantes, a palestra mais importante foi sobre “Sexualidade e Higiene” (27 votos), seguida de “Doenças Sexualmente Transmissíveis” (22 votos). Já a palestra apontada como mais interessante foi a sobre “Gravidez na Adolescência” (28 votos) e a palestra “Abuso Sexual Infanto-Juvenil” (25 votos) foi a que, nitidamente, despertou maior atenção dos participantes deixando-os chocados e, ao mesmo tempo, informados sobre como proceder em algum caso. Esses resultados podem ser observados conforme demonstra o gráfico da Figura 1.

Figura 1 - Comparativo entre as palestras ministradas após a aplicação do questionário



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Um fato curioso durante o ciclo de palestras, foi que os alunos se mantiveram atentos, poucos faltaram e um dos fatores que chamou a atenção foram os comentários que surgiram em sala de aula após as palestras, o que instigou alunos e professores, gerando discussões positivas e manifestações quanto a avaliação também positiva no processo apontado pelos próprios alunos.

Segundo dados da literatura, os alunos entendem que a temática Sexualidade e Gênero deve ser trabalhada principalmente dentro da sala de aula, pelos professores, e com rodas de bate-papo para que estas questões sejam discutidas pelos próprios alunos. Os alunos entendem que palestras são também excelentes momentos de aprendizado sobre a temática, podendo ser feitas com professores ou convidados (SOLARO, 2015).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), trazem como dever da escola estimular a reflexão dos alunos, a partir da problematização e do debate dos vários assuntos dentro da temática sexualidade. Cabendo a esta desenvolver a capacidade crítica e reflexiva dos alunos, além de proporcionar a eles o espaço para que esses debates e reflexões ocorram.

Embora o conhecimento por si só não garanta a modificação dos comportamentos (FISHER; FISHER, 1992; KALICHMAN et al., 2002), este é considerado um pré-requisito fundamental nos programas de prevenção dos comportamentos sexuais de risco (DEGROOTE et al., 2014). Estudos apontam para que os conhecimentos possam exercer influência sobre as atitudes dos sujeitos, podendo contribuir para a diminuição de comportamentos de risco (REIS; MATOS, 2007; ROQUE, 2001; SYNOVITZ et al., 2002).

O esclarecimento de dúvidas do aluno mostra-se fundamental para o bem-estar e tranquilidade do mesmo, além de aumentar a consciência sobre seu próprio corpo e sua autoestima, possibilitando melhores condições para prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e abuso sexual. É importante que a escola possa problematizar e debater tabus, preconceitos, crenças e diferentes atitudes da sociedade, procurando sempre o maior distanciamento possível das opiniões e aspectos pessoais da equipe pedagógica (SOLARO, 2015).

4 Conclusão

Atualmente vivemos em uma realidade onde a informação chega aos jovens com muita rapidez e acessibilidade. A conversa sobre assuntos relacionados à sexualidade sempre foi, e ainda é, tratado com um certo receio pelas famílias, a partir dessa visão a escola fica responsável por tornar do conhecimento e orientar os jovens sobre assuntos relacionados a essa temática, visto que é de suma importância para que os transformem em cidadãos conscientes e responsáveis por seus atos.

Após aplicação do estudo e com a análise das respostas assinaladas pelos alunos participantes, pode-se notar uma lacuna de informações corretas quando se trata do assunto

Educação Sexual e/ou Sexualidade. O conhecimento dos alunos, sobre questões relacionadas a temática, foi dentro do esperado, questões científicas e fisiológicas eram desconhecidas até o esclarecimento a partir das palestras em que assistiram.

Durante o ciclo de palestras pôde-se notar a atenção dos participantes, tanto alunos como professores e funcionários, a cada informação que estavam recebendo. Esclarecimento de dúvidas frequentes em relação a métodos anticoncepcionais e as perguntas sobre os sintomas das Doenças Sexualmente Transmissíveis marcaram positivamente a finalização de cada ciclo de palestras.

Ao final deste estudo, percebeu-se que a comunidade escolar avaliou positivamente o ciclo de palestras, pois com isso foi possível alcançar os objetivos iniciais e também sensibilizar os alunos e professores sobre a importância da orientação escolar em relação à Educação Sexual. Nesse sentido, fica a certeza que a escola ao assumir o papel de orientar seus alunos diante dessa temática, contribui para o desenvolvimento moral e social do indivíduo, bem como prepara educacionalmente os jovens, visando uma maturidade informativa para enfrentar e experimentar as práticas sexuais de uma maneira saudável, consciente e responsável.

Referências

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. *Terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais. Brasília: Secretaria de Atenção à Saúde, 2006.
- BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G.L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.83-112.
- DEGROOTE, S. et al. Sexual experience and HIV-related knowledge among Belgian university students: a questionnaire study. *BMC Res. Notes*, v.7, n.299, 2014. doi: 10.1186/1756-0500-7-299.
- FARIH, M. et al. Protocol study: sexual and reproductive health knowledge, information-seeking behaviour and attitudes among Saudi women: a questionnaire survey of university students. *Reproductive Health*, v.11, n.34, 2014. doi:10.1186/1742-4755-11-34.
- FIGUEIREDO, R.M.; TAVARES, C.V.F.; SILVA, A.M. Discutindo a sexualidade em sala de aula: contribuições de uma vivência na pós-graduação à distância na construção de uma proposta reflexiva para alunos do ensino fundamental II pautada no ensino por investigação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS E ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. São Carlos-SP, 2018.
- FISHER, J.; FISHER, W. Changing AIDS risk behavior. *Psychol. Bull.*, v.111, p.455-474, 1992.
- FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G.L.; FELIPE, J.F.; GOELLNER, S.V. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2013.

- FURLANETTO, F. et al. Educação Sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. *Cad. Pesq.*, v.48, n.168, p.550-571, 2018.
- GAVA, T.; VILLELA, W.V. Educação em sexualidade: desafios políticos e práticos para a escola. *Sexualidad, Salud Sociedad-Rev. Latinoam.*, n.24, p.157-171, 2016.
- GESSER, M.; OLTRAMARI, L.C.; PANISSON, G. Docência e concepções de sexualidade na educação básica. *Psicol. Soc.*, v.27, n.3, p.558-568, 2015.
- GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2008.
- JAQUES, A.E.; PHILBERT, L.A.S.; BUENO, S.M.V.. Significados sobre sexualidade humana junto aos professores do ensino fundamental. *Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR*, v.16, n.1, p.45-50, 2012.
- MADUREIRA, A.F.A.; BRANCO, Â.U. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas Psicol.*, v.23, n.3, p.577-591, 2015.
- NARDI, H.C.; QUARTIERO, E. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. *Sexualidad, Salud Soc. Rev. Latinoam.*, n.11, p.59-87, 2012.
- OLIVEIRA, N.P.; BÉRIA, J.U.; SCHERMANN, L.B. Sexualidade na adolescência: um estudo com escolares da cidade de Manaus/AM. *Aletheia*, v.43, n.44, p.129-146, 2014.
- REIS, M.; MATOS, M. Conhecimentos e atitudes face ao uso de métodos contraceptivos e à prevenção das ISTs em jovens. *Rev. Lusófona Ciênc. Tecnol. Saúde*, v.4, n.1, p.23-35, 2007.
- ROCHA, M.C.; FARIA, D.G.; MYOTIN, E. Corpo jovem: o que a escola ensina? *Rev. Ponto de Vista*, v.4, p.49-63, 2007.
- ROQUE, O. semiótica da cegonha: jovens, sexualidade e gravidez não desejada. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família, 2001.
- SOLARO, T.A. Sexualidade e gênero na sala de aula: abordagens didáticas e discussões. Porto Alegre: UFRGS, 2015.
- SYNOVITZ, L. et al. Sexual knowledge of college students in a southern state: relationship to sexuality education results of Louisiana college student study shows need for sexuality programs. *Am. J. Health Studies*, v.17, p.163-172, 2002.